



# EXÉRCITO

Coordenador: Ten-Cel HUGO DE ANDRADE ABREU

## CONHECIMENTOS BÁSICOS DE MOTOMECANIZAÇÃO

Capitão LUIZ MOACIR DE HOLANDA BEZERRA

Um dos problemas mais sérios com que se defronta o nosso Exército é, sem dúvida alguma, a parte que diz respeito ao — transporte —, e, ocupando o primeiro plano, aquele efetuado por veículos automóveis.

Sem suas viaturas funcionando dentro de seu mínimo possível, uma Unidade, por menor que seja entrará fatalmente num colapso total.

Nenhuma viatura é entregue à sua Unidade, sem as condições técnicas de funcionamento exigidas.

O que lamentavelmente existe, na realidade, é uma flagrante irresponsabilidade por parte do pessoal que a emprega, no que dela se pede, e no cuidado que lhe é dispensado, e que tecnicamente chamamos de manutenção.

Urge adquirirmos uma mentalidade de que um simples cabo que viaje ao lado de um motorista deve ser um fiscal do mesmo motorista, verificando o que foi feito antes de ser utilizada a viatura, e, como ela está sendo empregada.

Todos nós sabemos, no Exército, que uma viatura de  $\frac{1}{4}$  de tonelada significa que ela encontra seu emprêgo em carga e transporte limitado em 250 quilogramas de peso.

Como oficial de manutenção em unidades por onde passei e exerci a função por diversas vezes, tive que agir com a máxima energia, para que fôsse conseguida a fiel observância das regras de emprêgo de uma viatura.

O nosso Exército, que antigamente tinha seus meios de transporte baseados em carroças coloniais tracionadas por muares, evoluiu, e foi procurando motorizar-se, o que ainda se processa em nossos dias.



Esta motorização do Exército requer de todos nós um mínimo de conhecimentos sobre a mesma, a fim de que não vejamos um material que custa tanto aos cofres públicos ser julgado em fundos de oficina, dada a maneira como é empregado.

As viaturas no Exército são divididas em classes, e, estas, por sua vez, em tipos.

Existem quatro classes de viaturas, que são: de combate, geralmente blindadas e dotadas de armamento; de transporte para carga ou pessoal; tratores utilizados para reboques de outras viaturas e, finalmente, os reboques que são tracionados.

O tipo dá justamente o destino que deve ser dado à viatura, e são eles: carros blindados e carros de combate, que são as viaturas de combate; transporte de pessoal, transporte não especializado, transporte especializado, anfíbios e motocicletas, que formam o tipo de viaturas de transporte e, finalmente, os tratores e os reboques especializados e não especializados.

Não poderíamos, entretanto, escrever por extenso na viatura a sua classe e o seu tipo. Idealizou-se, pois, um código em número que reunisse tudo da maneira mais sucinta.

Em primeiro lugar, o nome do Exército Brasileiro passou a ser EB, seguido do primeiro número, que dá a classe da viatura e de um segundo número que dá o tipo.

Vejamos, então, como foi feito o código:

Para as viaturas de combate o indicativo é: Classe 1 e tipo 0 ou 1 para blindados e carros de combate, respectivamente, ficando por conseguinte: EB 10 — carros blindados e EB 11 — carros de combate.

Viaturas de transporte: classe 2 e tipo 0, 1, 2, 3 e 4, ficando por conseguinte: Transporte de pessoal EB 20, transporte não especializado EB 21, transporte especializado EB 22, transporte anfíbio EB 23 e motocicleta EB 24.

Viaturas tratoras: classe 3 e tipos 0 e 1, ficando pois: tratores sobre rodas EB 30 e sobre lagartas EB 31.

Finalmente, os reboques ficaram pertencendo à classe 4 e tipos 0 ou 1, ficando os não especializados EB 40 e os especializados EB 41.

Quanto à tração, ela é expressa por dois algarismos separados por um "x", sendo que o primeiro número diz o total de rodas da viatura e o segundo as rodas motoras que ela possui. Assim, um jeep 4 x 2 diz que ele possui 4 rodas, das quais duas são motoras. Se ele fosse 4 x 4, significaria que as quatro rodas eram motoras.

Com isto, abordamos sucintamente o problema inicial e espero que um assinante de "A Defesa Nacional", olhando o pára-choques de uma viatura, saberá qual o seu emprêgo e nunca utilizará uma viatura transporte de pessoal para transportar carga, e nem um jeep para transportar 1 ton de peso e sim  $\frac{1}{4}$  de tonelada.

Prosseguirei no próximo número, entrando na parte técnica propriamente dita.





Condensado pelo Maj Adyr Fluzza de Castro, de um artigo do Maj Thomas H. Jones, publicado na revista "Army".

A prova decisiva, o desafio final para o soldado em combate, é o assalto.

Assim tem sido através da história, ainda que os métodos hajam se alterado substancialmente.

Os antigos gregos realizavam o assalto com a falange, uma massa compacta de 16 homens de profundidade armados com lanças de 6 metros. A legião Romana empregava três linhas de manípulos, ou companhias, colocando os experimentados veteranos na última linha, pois julgavam que exigia grande coragem entrar na luta após ter presenciado a carnificina ocorrida nas primeira e segunda manípulos. Gustavo Adolfo sãbiamente incorporou o mosquete nas formações táticas, empregando seis fileiras de mosqueteiros, que cerravam-se em três para atirar.

À medida que o alcance e a potência das armas foi aumentando, as formações de assalto foram se tornando mais amplamente dispersas. A matança foi sendo feita cada vez a maiores distâncias e cada vez com maior eficiência. Por certo o combate corpo a corpo de antigamente produzia um número incrível de baixas, mas tal era devido, principalmente, à perseguição impiedosa e à falta de fogos para cobrir a retirada. Na batalha de Cinocéfalos, os romanos, sob o comando de Flaminio, tiveram somente 700 mortos enquanto o exército inimigo, de Felipe da Macedônia, perdia 80.000.



Mário, após a batalha de Aix, surpreendeu os Teutões pela retaguarda, matando 100.000 homens e perdendo apenas 300.

Em Canes, Anibal praticamente aniquilou um esplêndido exército romano de 87.000 homens, sofrendo escassas perdas, da ordem de 6.000 homens.

No entanto, as baixas relativamente menos numerosas que têm ocorrido no combate aproximado dos tempos atuais não diminuem a decisiva importância do assalto. Esta fase crucial do ataque sempre representará o ato final e decisivo no cumprimento da missão das forças armadas: a destruição do inimigo e a conquista do terreno que é por ele mantido.

Tampouco será provável que o ataque a pé se torne obsoleto. O Chefe do Estado-Maior dos EUA, Gen Lyman Lemnitzer afirma: "é verdade que o infante já não marcha a pé para onde quer que tenha que ir, mas, mesmo nesta época de rodas e lagartas, dependeremos, em última instância, da mobilidade individual do homem a pé".

As exigências feitas aos participantes dos assaltos são maiores hoje do que nunca. Quando os homens lutavam ombro a ombro, fileira após fileira, podiam mutuamente sustentar-se, encorajar-se e apoiar-se. Todavia, face ao isolamento cada vez mais acentuado do homem e da unidade em meio da confusão, horror e complexidade da batalha hodierna, a necessidade de caráter e de coragem torna-se cada vez maior.

Apesar de toda sua importância, o assalto é, provavelmente, a menos compreendida das fases do ataque. Um sentimento de ordem e de sistematização apodera-se da mente quando se pensa em zonas de reunião, posições de ataque, apoio de fogo e manobra. Mesmo nas operações descentralizadas, quando se usa um mínimo de medidas de controle e as missões são atribuídas pelo estabelecimento, apenas, de suas finalidades, é possível se antever uma operação de aspecto ordenado.

Mas o assalto é algo de diferente. A manobra consiste no movimento resolutivo para enfrentar cara a cara um adversário pessoal. As ordens são simples: avance e destrua o inimigo! Mesmo os soldados mais experientes mostram-se cautelosos — apesar de terem passado várias vezes por situações semelhantes — pela multiplicidade de aspectos que o inimigo, suas posições e o terreno que ocupa, acarretam na natureza de cada encontro.

É difícil, ou mesmo impossível, apresentar uma idéia real do assalto a homens que nunca participaram de um deles, porque as verdadeiras sensações e o violento impacto mental por ele produzido somente podem ser experimentados através da participação pessoal no combate.

Não obstante, num esforço para descrever o assalto com máximo de realismo, utilizar-nos-emos das declarações de experimentados guerreiros que sobreviveram a esta fase do combate.



"Quando amanheceu, os homens avançaram, indo à frente o Ten Wilson. Próximo ao objetivo uma bala atingiu seu braço, derrubando-o. Ele levantou-se e prosseguiu. Uma outra bala feriu-o no braço e no peito. "Esta me pegou!", resmungou, continuando a avançar. Um ou dois segundos depois um estilhaço atingiu-o na testa e matou-o. O Sgt Fred assumiu o comando e também foi morto após poucos minutos. Finalmente, os homens remanescentes expulsaram os chineses e dominaram a área do objetivo."

\* \* \*

"Os infantes prosseguiram penosamente, muitos meio tontos pela concussão da barragem alemã, que já havia causado muitas brechas nas fileiras e deixado muitos corpos mutilados ao longo do caminho, alguns com os capacetes esmagados contra o crânio, outros encurvados, com o sangue ainda escorrendo dos ouvidos e da boca."

\* \* \*

"Nosso batalhão calou baionetas e carregou. Através do alto capim estendiam-se fios de armadilhas. Com nossos próprios pés acionamos milhares de minas, e em torno de nós voavam e reviravam-se no ar pernas e braços de nossos companheiros. Homens gritando de pavor corriam para a retaguarda; um homem sem pernas arrastava-se sobre o capim; haveria alguém que pudesse conservar seu estado normal?"

\* \* \*

"Todos os meus comandantes de grupo de combate estavam na frente de seus homens ou ao lado deles. Os feridos arrastavam-se colina abaixo ou atiravam do local onde jaziam. Os que ainda podiam andar, embora feridos, continuavam o assalto por sua própria conta. Alguns homens foram feridos mais de três vezes antes de abandonar a colina."

\* \* \*

Com efeito, o assalto é um empreendimento perigoso e é preciso entendê-lo, tanto para diminuir o perigo da operação como para aumentar as possibilidades de seu sucesso. Porque, se o assalto falha, tudo o mais também falhará.

Nossa técnica fundamental para o assalto não é, particularmente, controvertida. Esforçamo-nos para nos desdobrar completamente somente no último momento possível, quando o dispositivo do inimigo já está suficientemente claro para permitir as nossas tropas assaltan-



tes a concentração, sobre ele, de toda a sua potência de fogo. Normalmente nos deslocamos para o assalto em linha de volteadores. O intervalo entre os homens é suficientemente amplo para evitar que constituam um objetivo compensador, e bastante cerrado para permitir a concentração de toda a sua potência de fogo. Esforçamo-nos para acompanhar de perto os fogos de apoio — mesmo com o risco de algumas baixas — pois isso contribui para o êxito e, de um modo geral, resulta em menor número de mortos e feridos. Sendo possível, evitamos deslocamentos por lances ou rastejando. Ainda que tais deslocamentos sejam, por vezes, necessários ou desejáveis, em sua maior parte acarretam perda de ímpeto ao nosso assalto, pois o contato com a terra é agradável e reluta-se em abandonar a proteção que ele proporciona, quando se espera por granadas inimigas.

Reconhecemos a constante necessidade de fogo de uma unidade assaltante e damos instrução de combate a ser aplicada quando uma tenaz posição inimiga desafia os fogos de apoio e de assalto. No entanto, nosso objetivo principal é conseguir que os homens progridam e continuem progredindo até que a posição inimiga esteja em nossas mãos e seus ocupantes tenham sido mortos ou capturados. Mas, mesmo o assalto mais bem concebido e conduzido está destinado ao fracasso, a não ser que o comando superior a ele empreste uma razoável possibilidade de êxito, pelo emprego apropriado de fogos de apoio, pela exploração do ponto fraco inimigo e pelo emprego de um efetivo de assalto conveniente.

Conquanto o assalto não seja tão completamente explorado, na literatura militar, como a estratégia e a tática, que levam a ele, há, entretanto, exemplos suficientes para demonstrar os princípios e processos destacados que conduzem ao sucesso e os erros que resultam em fracassos. Examinemos algumas declarações sobre o assalto prestadas por soldados do passado e discutamos algumas das lições por eles ressaltadas :

*“Cruzou o canal com seus homens e formou-os em duas fileiras ao crepúsculo do dia que findava, e lhe pareceu que a única possibilidade era continuar avançando sem detença. Se seus homens parassem para acampar estariam perdidos... Por isso, deu suas ordens, seus recrutas calaram baionetas e continuaram a avançar. Quando atingiram os destroços humanos das cargas precedentes, os que não estavam feridos erguiam-se do solo e procuravam fazê-los recuar, dizendo-lhes que seria inútil prosseguir... Nesse exato momento uma grande língua de fogo iluminou todo o paredão de pedra (a posição dos defensores) e no alto da colina, no extremo direito e no extremo esquerdo, surgiram os incessantes clarões rápidos dos canhões rebeldes ; o oficial de estado-maior caiu atingido, o mesmo acontecendo, praticamente, com metade da divisão.”*

\* \* \*

Errou seriamente o comandante que determinou sucessivos assaltos a uma tal posição, mas não o critiquemos em demasia. É muito fácil



criticar, após os resultados. Mas, é muito diferente estar no campo de batalha e julgar que "mais um", e "sòmente mais um" assalto dominará a posição inimiga justificando os mortos em tantas tentativas. Os verdadeiramente grandes comandantes, e são poucos, são aqueles cujo discernimento indica corretamente quando parar e tentar qualquer outra ação, ou quando prosseguir.

Esse exemplo destaca a necessidade de avanços continuados, pois ainda que o último assalto tenha fracassado, estêve mais perto do êxito do que qualquer das tentativas anteriores contra o paredão de pedra mantido pelos Confederados. Nas tentativas anteriores as tropas se haviam detido para acampar e foram destroçadas enquanto o faziam. É também claro, neste caso, que os fogos de apoio foram insuficientes para enfraquecer o inimigo. Como consequência as unidades de assalto enfrentaram uma intransponível preponderância de força.

Um relatório de operações da guerra Coreana proporciona um exemplo mais recente sôbre a necessidade da combinação continuada de fogo e movimento.

*"A Companhia assaltou num ritmo constante, atirando continuamente. Tôda a vez que um soldado chinês levantava a cabeça era imediatamente atingido, tão pesado e preciso era o fogo de assalto. O Ten Hagan declarou que "nossos homens estavam sendo atingidos durante tôda a progressão para atravessar a área batida pelos morteiros inimigos, mas os assaltantes prosseguiram sem vacilação, compreendendo que parar seria suicídio. A única esperança de êxito residia em impulsionar o ataque e, isso, a Companhia o fêz, resolutamente."*

\* \* \*

Quando o ímpeto de nosso assalto leva o inimigo ao pânico e a abandonar suas posições, pode ser conveniente prosseguir a ação além do objetivo.

*"A ação foi extremamente violenta durante uma ou duas horas; as forças do desbordamento já haviam atingido seus objetivos com grande facilidade, quando a frente pressionou as organizações que lhe competia atacar, com um ardor e uma paciência além da expectativa. O fogo era de tal violência que o inimigo abandonou apressadamente seus abrigos e correu; em cêrca de cinco minutos, a totalidade de seu campo estava na mais completa confusão e desordem, todos seus batalhões destroçados e fugindo precipitadamente; neste instante todo o nosso exército redobrou seu ardor, perseguindo-os por mais de um quilômetro, fazendo grande carnificina e capturando enorme quantidade de prisioneiros."*

\* \* \*

Este relato da Batalha de Bennington da guerra revolucionária dos EUA retrata o valor da perseguição destemida e implacável, da ime-



diata continuação do assalto até que o inimigo seja destruído ou o limite máximo do avanço tenha sido atingido. Dar trégua ao inimigo, permitir-lhe viver para exterminá-lo em outra ocasião, é falta de senso.

*"Em pouco tempo o vale encheu-se de vida com uma multidão de homens, lutando e aos "vivas", avançando em face de descargas terribéis, alguns parando para atirar, outros lançando-se à frente impetuosamente, todos com os olhos fitos sobre a casamata e entrincheiramentos espanhóis que coroavam a Colina de San Juan."*

Aqui, vemos a combinação de fogo e movimento pelas tropas assaltantes. Nosso próprio fogo deve fazer com que o fogo inimigo se torne ineficaz. O volume e a precisão de nosso fogo são de suma importância. São imperativas a hábil colocação dos fogos de assalto e a rapidez da substituição de pentes e fitas de munição. À parte isso, guardemo-nos contra a glorificação do assalto, quando descrevem "homens ao "vivas"... avançando com ímpeto, todos com os olhos fitos sobre a casamata espanhola". Os homens avançam, fundamentalmente, devido à disciplina ou ao orgulho, ou porque avançar é um movimento tão bom como qualquer outro. É claro que seus olhos devem se fixar em seus objetivos específicos.

\* \* \*

*"Durante toda a progressão sobre a colina, os granadeiros dos 1º e 3º pelotões atiraram granadas sobre as posições de metralhadoras alemãs. Os fuzileiros também abriram fogo, e os alemães responderam com granadas de mão e fogo de armas automáticas. Incapazes de distinguirem seus objetivos específicos, os homens da Cia C escolheram a crista como área de aplicação de seus fogos. Quando a Cia C atingiu o topo da Colina 109... o inimigo retirou pela encosta nordeste."*

Comumente as tropas assaltantes experimentarão dificuldade em identificar seus objetivos específicos. Homens inexperientes tendem, nessas situações, a suspender seu fogo — usualmente um erro fatal. Todos os homens devem assestar seus fogos, continuamente, sobre prováveis posições inimigas ou, mesmo, sobre pontos completamente insuspeitos da área de progressão. Desde que haja continuidade de fogo o inimigo, muitas vezes, não saberá se é cu não visto e, ou ele se manterá abrigado, ou atirá-lo-á acodadamente e sem precisão.

\* \* \*

*"As equipes de lança-chamas e o terceiro pelotão, de Mallard, avançaram simultaneamente. Um projétil inimigo perfurou o tanque de pressão de um dos lança-chamas, inutilizando-o. Os outros dois*



operadores, no entanto, conseguiram atingir a região controlada pelos granadeiros norte-coreanos. Rastejando quase até a crista da elevação, os dois operadores apontaram para o alto a boca dos lança-chamas e descarregaram os tanques, fazendo com que a gelatina inflamável caísse sobre a contra-encosta da elevação, obrigando o inimigo a se retirar."

Lança-chamas são de valor incalculável no assalto, particularmente contra um inimigo bem enterrado. Sua necessidade deve ser prevista devendo operadores e lança-chamas ficar prontos para a entrada em ação. Neste exemplo foi utilizada uma técnica pouco comum, de fogo indireto de lança-chamas, e deu certo.

\* \* \*

O emprêgo da granada no assalto é, também, freqüentemente útil.

"O Tenente lançou uma granada sobre o entrenchamento. Um soldado vermelho tentou apanhá-la e lançá-la de volta quando um comandante de grupo de combate o matou. Uma outra granada silenciou a arma... Durante este assalto, as Forças Comunistas Chinesas desencadearam uma barragem de morteiros e estabeleceram uma chuva de granadas de mão, lançadas de contra-encosta... Os americanos contrabateram com uma barragem de granadas. O pelotão lançou todas as granadas que levava, e quando suas dotações se esgotaram suprimiram-se dos inimigos mortos."

"Os fuzileiros realizavam, então, o trabalho que só eles podem realizar — cerrar sobre o inimigo, destruindo-o no corpo-a-corpo. Todos haviam sido bem municiados com granadas. As Cias A e C encontravam-se, agora, na orla de seus primeiros objetivos e estavam usando granadas de fósforo branco e explosivos nas trincheiras e casamatas. Os chineses resistiram obstinadamente e não davam tréguas aos fuzileiros. Se o fogo cessasse em qualquer seteira ou uma granada surgia ou uma arma apontava e abria fogo."

"As esquadras, lançando granadas no espaldão, mataram onze chineses, inspecionaram o espaldão, e avançaram. As trincheiras se juntavam em outro espaldão, cerca de quinze metros adiante. Os dois grupos de combate começaram a lançar granadas no segundo espaldão enquanto, a essa altura, o terceiro grupo de combate desbordava o espaldão, caindo sobre sua retaguarda. O inimigo tentou escapar pela saída traseira, mas, vendo os homens que a guardavam, retrocedeu. O Tenente Johnson os matou com uma granada lançada dentro do espaldão."

Este último exemplo ressalta as vantagens do desbordamento, quando tal é possível. A linha de assalto deve, freqüentemente, desdobrar-se em pequenas equipes, normalmente grupos-de-combate, cada uma investindo um ponto tenaz da defesa inimiga.



O emprêgo, no assalto, de cargas de explosivos improvisadas, deve, também, ser considerado, contra fortificações. Cargas Satchel, cargas alongadas, "Colmeias" e outros engenhos semelhantes podem ser usados com sucesso.

\* \* \*

*"Em operações do passado os comandantes de unidades de carros de combate reclamavam que as unidades de infantaria não permitiam que os carros atirassem tão próximo à infantaria assaltante como o comandante de carros gostaria... Quando os carros eram obrigados a suspender seus fogos, eles paravam, inúteis, observando a infantaria amiga sofrer baixas causadas pelas armas automáticas e granadas das posições inimigas, que podiam ser tomadas pelos fogos dos carros de combate sem que a infantaria amiga corresse qualquer risco."*

Obviamente, a lição, aqui, é obter tanto apoio quanto possível pelo maior tempo possível. Fuzis sem recuo podem, como também os carros de combate, atirar com grande precisão a, apenas, poucas jardas à frente das tropas assaltantes. Um homem, em cada um dos pelotões do assalto, poderia ter nas costas um painel colorido, permitindo que a posição das tropas amigas fôsse claramente visível para as armas dos carros de combate e outras armas de apoio. Da mesma forma, granadas com fumaça colorida poderiam ser usadas para assinalar áreas onde se desejasse ter o fogo dos carros de combate e de outras armas de apoio direto.

\* \* \*

"Enquanto os homens inspecionavam a trincheira inimiga, Eakes viu um soldado chinês, deitado de costas, com os olhos fechados, as mãos crispadas num fuzil automático.

"Está morto?" inquiriu Eakes

"Sim, está morto" disse Conway.

O chinês começou a se sentar e esboçou um movimento para atirar.

"Não está morto" disse Eakes, e matou-o."

Esse truque é tão antigo como a própria guerra. Suspeite de um "morto" e, se tiver dúvidas, dê-lhe outro tiro.

\* \* \*

Há vezes em que acontecem coisas que facilitam o assalto.

"McClenaghan, vendo um soldado chinês erguer a cabeça para fora do espaldão, determinou a um soldado coreano do sul que o con-



vencesse a sair. Oito saíram e se renderam e a eles se juntaram quatro de outra posição. Se o desejassem, eles poderiam ter resistido por muito tempo."

Num outro caso uma Companhia tinha a seu cargo destruir espaldões da linha Siegfried alemã. Cansado dessa tarefa propiciadora de baixas, um persuasivo soldado americano, que falava alemão, lançou mão de um alto-falante capturado e se dirigiu às tropas ocupantes dos espaldões ainda intactos. Conseguiu convencer alguns de que era estúpido defender uma causa perdida e eles se renderam.

Mas, na maioria dos casos, o inimigo não pode ser convencido. Tem que ser morto.

\* \* \*

Talvez o mais importante princípio seja um que não foi exemplificado diretamente, mas que se sobrepõe a todos os que foram citados. É, simplesmente, que "a luta entre o assaltante e o defensor é tanto — ou mesmo mais — uma luta de vontades, como de armas". Talvez não seja isso um grande segredo, mas é um ponto que deve ser incutido, e incutido profundamente, na cabeça do infante.

Vontade e superioridade moral são fatores vitais no combate aproximado. Sabemos de grandes disparidades de baixas entre vencedores e vencidos de batalhas da antiguidade. Isso ocorria quando se quebrava a vontade de um dos combatentes e é tão verdade hoje como então. O defensor cede mais comumente e mais prontamente ao impacto psicológico do que ao impacto físico do assalto.

Vontade e determinação se tornam evidentes de várias maneiras. Barulho, rapidez, resolução, desempenham um papel saliente.

"Através do terreno aberto, sacudido pela explosão de muitas armas, elevou-se o grito rebelde, alto e sobrenaturalmente vigoroso.

Aquêles grito, "aquêles diabólico grito" como o denominou um soldado de Michigan, parece ter tido uma influência real na batalha, equivalente a muitos regimentos, para a Confederação.

Algo de arrepiar a espinha, o grito rebelde. Não foi à toa que o próprio "velho" Stonewall, o mais feroz de todos os soldados americanos, classificou-o como "a música mais doce que jamais ouvi."

"Os rebeldes, que haviam rompido o Regimento de Michigan, estavam galgando a colina. O'Rorke saltou de seu cavalo, atirou as rédeas a seu ordenança e bradou "Por aqui, pessoal!" e correu pela ladeira abaixo sobre o inimigo, com seus homens seguindo-o de perto... Os homens estavam com as armas descarregadas; não haviam se detido para armar baionetas e nem sequer brandiam seus mosquetes como maças. Correram simplesmente sobre o inimigo e a única potência da carga era a de seus corpos correndo. Talvez o mero aparecimento de



tropas frescas tenha sido o suficiente naquele momento. Os Confederados vacilaram e fugiram."

"No entanto, os audazes Virginianos progrediram decididamente através de uma tempestade de balas e granadas, que explodiam sobre suas leais fileiras, com uma valentia nunca vista. Quando se aproximavam da elevação, suas linhas foram destroçadas pela fuzilaria como se sofressem uma tempestade mortífera. Ainda assim, com destemor, os bravos aceleraram o passo e, com uma carga irresistível, penetraram nas linhas federais, levando por diante tudo que se lhes antepunha."

"O primeiro pelotão foi empregado e, partindo da direita, carregou sobre a colina. Os componentes do pelotão haviam armado baionetas e carregaram, desencadeando os fogos de assalto, gritando e blasfemando... Duas elevações sucessivas foram tomadas de maneira semelhante... Em cada operação, quando a carga era dada com baionetas caladas e fogo do assalto, a maior parte do inimigo fugia."

O Coronel Ardant Du Picq autor dos "Estudos de Batalhas", que é, provavelmente, a melhor exposição sobre a importância da vontade na guerra, escreveu: "O impulso moral que anima o atacante é tudo. O impulso moral consiste na percepção, pelo inimigo, da resolução que anima seu oponente."

Alguns dos pontos abordados nesses extratos da História merecem ênfase particular. O uso completo e inteligente dos fogos de apoio, pelo maior tempo possível, é da máxima importância. É um crime a permanência em silêncio de armas cujos fogos poderiam poupar vidas e contribuir para o êxito. A preparação física apropriada (mais a coragem, é óbvio) torna o infante capaz de cerrar sobre o inimigo rápida e agressivamente, o que é essencial para o sucesso de um assalto. A necessidade de fogos contínuos pelas tropas assaltantes, mesmo quando os objetivos específicos não são claros, é capital para evitar os fogos ajustados do defensor. A defesa inimiga deve ser estudada para a determinação da quantidade de granadas, lança-chamas e cargas de demolição necessárias, e a necessidade desses engenhos deve ser judiciosamente dosada tendo em vista a conveniência de uma carga leve para o assaltante.

Sobre todas as necessidades destaca-se a de acentuada liderança nos níveis pelotão e grupo de combate — liderança não evidenciada, apenas, no momento do assalto, mas firmada através dos dias, semanas e meses que precedem a operação, gerando confiança, lealdade e espírito de equipe.

Inspirar (ou, se necessário, conduzir) outros homens para que avancem sobre o que pode ser considerado morte ou incapacidade certas, exige um homem de características especiais. Infantes experimentados compreendem e são eficientes quando os assaltos são conduzidos pelos chefes à retaguarda. Mas, ocasiões há em que comandantes de grupos de combate, pelotões e mesmo unidade de escalão mais alto têm que se colocar à frente de seus homens e exclamar "Sigam-me!".